

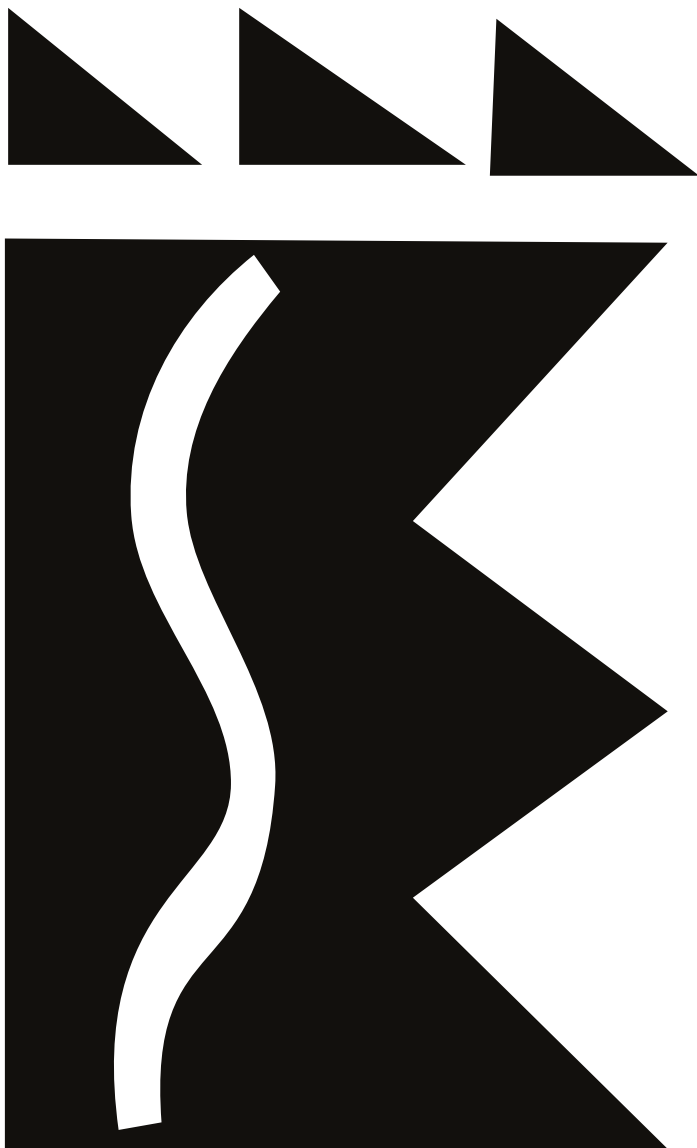
**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

1995—2013

21

guiné equatorial







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA

Valéria Lima

ensaio

6

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995). E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêntricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

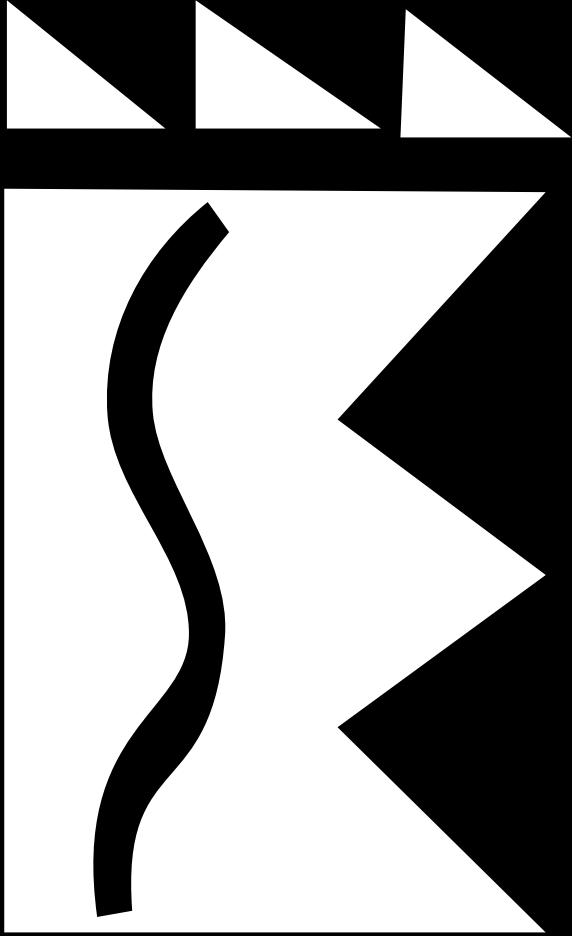
**OS ORIXÁS, INQUICES
E VODUNS, QUE AQUI
DESEMBARCAM COM OS
AFRICANOS, FIZERAM
MORADA EM TODAS AS
REGIÕES DO BRASIL**

Abrangência

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!



sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
24	grupos etnoculturais de guiné equatorial
30	as invasões europeias
35	a descolonização da guiné equatorial
38	alguns personagens contrários à ocupação espanhola
43	a provincialização da guiné equatorial
45	alguns personagens que reivindicaram a independência
47	a autonomia da guiné equatorial
49	organização do governo autônomo
51	enfim, a independência
55	francisco macías nguema
60	teodoro obianguema mbasogo
62	a cultura de guiné equatorial
68	antologia poética

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

GUINÉ EQUATORIAL, DÁ HERANÇA PRÉ-COLONIAL À GERAÇÃO ATUAL

apresentação

Com o nome de Guiné Equatorial se designa a nação situada no Golfo da Guiné, que se divide geograficamente em duas partes. A parte continental, que está delimitada ao norte pelo Rio Ntem e Camarões, ao leste e ao sul pelo Gabão e a oeste pelo Oceano Atlântico Equatorial. E a parte insular, que se distribui entre as ilhas de Bioko e Annobom, enquanto que as ilhas de Corisco, Alobey Grande, Alobey Chico, Mbanhe, Cocoteros e Conga pertencem à região continental do país. A capital, Malabo, está situada na costa norte, na ilha de Bioko. O país tem vários grupos étnicos, alguns grupos do povo Bantu que, procedentes do sul do Sahara, como o conjunto bantu em geral, ocuparam, junto com outros povos, o extremo ocidente do continente africano. Este território foi convencionalmente chamado por seus descobridores de “Território Colonial do Distrito de Biafra”. Após a partilha da África pelas potências europeias, teve distintas e sucessivas denominações, até que, de forma definitiva, passou a conhecer-se pelo nome de Guiné Equatorial.

Os grupos étnicos que formam parte da população de Guiné Equatorial são: os fang, os ndowes, os bubis, os bissios, os annobonês e os mulengues. Esses povos ocupam uma superfície de 28.051 km², com uma população de um milhão e quatorze mil habitantes.

Em relação às tribos bantus que povoaram a atual Guiné Equatorial e que procedem do norte e do sul do Sahara, parece que os primeiros a

chegar, empurrados paulatinamente por outras tribos em direção ao mar, foram os ndowes, que chegaram entre os séculos XII e XIII. Entretanto, os bengas chegaram à costa da Guiné pelos anos de 1700, e encontraram com os traficantes de escravos holandeses que atuavam desde as ilhas do golfo da Guiné.

Segundo a lenda, o continente africano foi nomeado pelo povo Fang, sendo uma apócope de Afiri Kara, como era conhecido um antepassado deste povo. Afiri Kara teve com sua esposa, Nñanggono, quatro filhos, que chamou, respectivamente, de Fang Afiri, Okak Afiri, Bulu Afiri e Ntumu Afiri. Tiveram também uma filha chamada Nguee Afiri; esta, por sua vez, teve um filho que se chamou Owono Nguee, que foi o fundador do povo Eondo.

Entretanto, os povos do grupo ndowe, composto pelos bengas, bwicos, balengues, bapucos, banocos, combes e asonga, entre outros, se estabeleceram na Guiné Equatorial entre os séculos XIII e XV. Em seu avanço, empurraram os pigmeus, considerados como os primeiros habitantes do continente africano que, por final, se fixaram nos confins do litoral atlântico, conservando seu modo de vida como caçadores e agricultores. Segundo a tradição, os ndowes foram chefiados inicialmente por Masochi que, sob seu comando, atravessaram a floresta tropical. Posteriormente, foram comandados por Bosendye, com quem alcançaram o Locondye, mas seu chefe mais importante foi Bilangua Mecheba.

A vida do povo Bissio se identifica principalmente com a dos ndowes e, em menor medida, com a dos fang. O grupo bantu-fang foi o mais numeroso de todos, e sua disseminação, embora mais lenta, foi muito violenta. Entretanto, outras expedições de guerra escravistas surgiram dentre os

mesmos negros bantus, propiciando uma rápida extensão e ocupação do território que hoje constitui a Guiné Equatorial.

Como consequência de uma derrota militar que o povo fulbès infligiu aos fang de Camarões, Gabão e Guiné, estes fang realizaram diversas expedições de guerra que atingiram os demais povos. As últimas e mais conhecidas, dentre elas, foram a Nvele, que aparentemente só aconteceu em Camarões, e a Oban, que atravessou a fronteira por Ntem e Kie, sob o comando dos irmãos Olinga Eco e Ateba Eco e da filha de Ateba Eco, a guerreira Nchama Ateba. Esta última expedição foi dizimada pelo renomado Mbomio Baha Mondomo, da tribo nsomo. A guerra de libertação foi travada na cidade de Mesa, entre os rios Mbelomo e Mengulu.

Depois de terem vencido o povo fulbès, os fang, sob o comando de Olinga Eco e Eteba Eco, ambos da tribo Ebá, e acompanhados de uma das filhas de Ateba Eco, chamada Nchama Ateba, realizaram uma expedição de guerra, com saques e outras ações violentas, para obter escravos para serem vendidos aos europeus. Esta expedição de guerra, conhecida como Oban, ao percorrer o Rio Ntem, em direção aos territórios da atual Guiné Equatorial, causou numerosos estragos e empurrou muitos povos para o sul. A triste fama que, com justiça, adquiriu esta expedição, se propagou como um rastro de pólvora, provocando fuga em massa.

Naquelas áreas, vivia um célebre e misterioso patriarca da tribo Nsomo, chamado Mbomio Baha Mondomo e conhecido vulgarmente por Mbo-Baha. Em poucos dias, todo o povo Nsomo esperava que seu patriarca lhes desse a segurança necessária, diante da famosa expedição de guerra do povo fang, que estava se aproximando. Conta a lenda que, para se precaver da avalanche de pessoas que se

aproximava, Mbo Baha tomou suas precauções e, três dias antes da chegada de Olinga e Ateba Eco, deu uma série de instruções e ordens para a salvação sua família, refugian-do-se no povoado.

No terceiro dia, o dia esperado para a chegada da expedição de guerra, o herói deu ordem para que ninguém saísse da aldeia, que todos os homens e mulheres ficassem confiantes e que os homens se reunissem na casa grande, onde as mulheres lhes dariam o que comer, o que realmente aconteceu. Em pesquisa realizada na cidade de Mesa, veio à luz o papel desempenhado na luta entre Mbo Baha e Olinga Eco por dois rios: o Rio Mbolomo e o Rio Mongulu. No primeiro deles, Mbo Baha pediu a uma anciã que lhe trouxesse água em uma cesta de vime (melongo). Com esta água preparou um aquário confeccionado com folhas e peças de um tronco de bananeira. Pediu, também, que lhe trouxesse três enguias secas (ngoo), que, jogadas no aquário, começaram imediatamente a nadar. Quando tocou seu chifre de antílope (abec), três soberbos tucanos vieram do ar, pousaram próximo ao aquário e começaram a banhar-se nele, tranquilamente. Finalmente, depois de pegar um pedaço de pedra de quartzo, o dividiu em quatro partes com sua faca, como se fosse um mamão maduro. Satisfeito com o resultado de todos os preparativos para a futura luta, mandou trazer diversos alimentos e, uma vez que foram consumidos, ordenou que as mulheres se trancassem em suas cozinhas e não saíssem de lá, acontecesse o que acontecesse na vila (nseng).

Verificou-se, à luz dos numerosos testemunhos recolhidos, que as mortes de Olinga Eco e de seu irmão Ataba aconteceram no Rio Mongulu. Isso quer dizer que, depois

de consumir os alimentos e trancar as mulheres, Mbo Baha saiu da aldeia junto com um grupo de homens especialmente escolhidos, posicionando todos eles em cada uma das margens do rio. Quando o exército exterminador atravessou o rio e chegou à cidade de Mesa, ficaram atônitos contemplando o espetáculo do aquário com as enguias e os tucanos, e se esqueceram por completo da pilhagem. Quando os dois líderes do Oban alcançaram o Rio Mongulu, com um sinal de Mbo Baha, seus homens terminaram com a vida dos dois temidos irmãos, cujos corpos se perderam nas profundidades do rio. Por este motivo, até hoje as águas do Rio Mongulu não são bebidas e nem usadas pelos vizinhos, já que se acredita que as águas do rio serviram de sepultura para os irmãos exterminadores e escravistas.

Quando a notícia da morte dos irmãos chegou à cidade de Mesa, tanto os habitantes do povoado como os soldados do exército exterminador se encheram de alegria — inclusive, os soldados baixaram suas armas e aclamaram o líder Mbo Baha, o grande homem cuja bondade, valentia e altruísmo conseguiu salvar o povo bantu-equatorial.

Quando o grande líder Mbomio Baha Mondomo faleceu, ele foi sepultado entre as raízes de um oveng jovem, a árvore mais importante para o povo fang, árvore que vem conservando e perpetuando sua lembrança desde então. Como resultado dos estragos que aquelas guerras provocaram, é frequente que diante de fatos de abusos, violência ou brutalidade, o povo fang utilize o nome nvele, ou, com idêntico sentido semântico, o de Oban.

Em relação à Guiné Equatorial, os fang ntumu e os fang ocac tomaram direções distintas, tendo como ponto divisorio os Rios Wele, Woro ou Mbini. Assim, o grupo ntumu

ocupou os distritos de Ebebiyin, Nsok Nsomo, Micomeseng, Mogomo, Añizok, Niefang e Bata; o grupo oCAC, por sua vez, formou os distritos de Nsok, Akonibe, Evinayong, Acurenam, Mbini e Cogo. Os ndowes espalharam-se ao largo da costa atlântica. Como os grupos étnicos que hoje habitam a Guiné Equatorial entraram pelo Norte e pelo Leste atravessando os Rios Ntem e Kie, é corrente hoje entre os fang e também entre os ndowes a afirmação de serem procedentes do outro lado do Ntem: Ntemayat.

Em relação ao povo Bubi, são várias as versões sobre a sua procedência e seu estabelecimento na Ilha de Bioco. Alguns antropólogos afirmam que, 500 anos antes de Cristo, o Almirante cartaginês Hannón visitou uma ilha na África Ocidental habitada por uma população indígena selvagem, ilha cuja descrição se fez corresponder posteriormente com a de Bioco.

O mais provável é que, até o século XII, como consequência da expansão de diversos povos e da consequente ocupação geral da África, as tribos pré-bantus, compostas pelos grupos baowere, bacuta, bococo e batanga, que procediam do norte e que seguiram o curso do Rio Sangha até o sul de Camarões, penetraram na ilha em diversas ondas e povoados, criando culturas como a baleopi (de 900 a 1300) e a de balombe (de 1800 a 1900). Num primeiro momento, se estabeleceram no litoral, junto ao mar, para posteriormente estender-se até o interior da ilha. Depois de estabelecidos na ilha, adotaram uma determinação comum que os identificavam e os uniam, chamando-se bahobes, que quer dizer “homem”. Seus primeiros contatos foram com os pigmeus, considerados os primeiros habitantes da África no geral, e principalmente na África Equatorial. Já

com os egípcios e os núbios, tiveram relação no segundo milênio antes de Cristo, data do aparecimento do deneg, o “anão dançarino de Deus” nos palácios dos faraós. Com os pigmeus, os bahobes aprenderam a fazer o fogo.

Por último, a quarta onda de imigração bubi, também procedente do continente (Camarões), chegou à ilha, em 1550, depois de ter sido invadida em 1472 pelos portugueses, chamada depois de Formosa. Primeiro, os portugueses Fernando Poó e Lopes Gonzalez invadiram, em 1496, a baía de Biafra, sendo eles os fundadores de seu território Colonial, enquanto o Rei Juan II, de Portugal, se intitulava “O Senhor Annouine”.

01

Grupos etnoculturais de Guiné Equatorial

É possível resumir da seguinte maneira os seis grupos etnoculturais que hoje habitam a Guiné Equatorial.

O grupo Fang

É considerado o grupo mais importante da Guiné Equatorial do ponto de vista demográfico pois ocupa, em sua totalidade, do interior até uns escassos cinco quilômetros do mar. Além da Guiné Equatorial, encontramos os fang em Camarões, Gabão, África Central e Congo.

O povo fang, em geral, procede das regiões sudanesas do Alto Nilo e sua residência atual na costa ocidental da África (Gabão e Guiné Equatorial).

torial) é mais recente. Estabeleceram-se antes ao norte do que é hoje o Camarões e, derrotados pelos fulbês, se instalaram em Yaundé e, pela chegada de outras tribos, se viram obrigados a abandonar o lugar, por medo de serem separados e divididos, diminuindo seu poder e força. Assim, nessa fuga, chegaram, em diferentes ondas, ao Gabão, Guiné Equatorial e Congo, locais que ocupam até hoje. Os fang eram um povo forte, guerreiro e bem organizado. Para entrar na Guiné Equatorial, eles utilizaram os Rios Ntem (campo) pelo norte, o Rio Muni pelo sul e o Kye e Ncomo pelo leste.

O povo fang reconhece vários grupos e se estabeleceram assim:

- ◆ **Em Camarões:** Etón, Bulu, Ewondo, Nvele, Manguisa e Ntumu
- ◆ **No Gabão:** Ntumu, Ocac, Mekiemcom, Etón e Nvein
- ◆ **Em Guiné Equatorial:** Ntumu e Ocac

Os grupos Ndowne, Bissio e Molengue

O grupo ndowe, como o mais importante dos três, ocupou a parte costeira do país. Este grupo, pertencente ao bantu congolês, em sua peregrinação, até se estabelecer na Guiné Equatorial, sofreu muito e teve o valor de permanecer unido, fazendo jus à etimologia que os estudiosos fazem da palavra ndowe, ou seja, ndo (unidos, agarrados) e we (nós). Etimologicamente, então, a palavra significa: unindo-nos, nos agarrando.

Durante a caminhada e entre as muitas versões e tradições dos obstáculos vencidos pelo povo ndowe, se tem, como mais famosa, a da travessia do rio - Locondye para uns, e Sanaga para outros - de águas escuras e, pela estru-

tura muito inclinada de suas margens, os ndowe supunham que seria de profundidade descomunal, até que uma mulher recém-parida, com grande surpresa, viu uma cabra do bosque atravessando o rio tranquilamente. Desde então, os ndowe mantêm o mito do-rombe: para eles, a cabra do bosque se tornou um animal de salvação e se converteu numa espécie de totem, e os ndowe não comem a sua carne. Atravessando o Rio Locondye ou Sanaga, os ndowe, chefiados por Ykelengue, chegaram até os confins das costas do Golfo da Guiné e, cruzando o Rio Campo em sua parte interior, saíram por ibati-baata, conhecido hoje por Monte Bata. Desde a sua imigração, sempre esteve muito perto dos bissios, e é com eles que, até hoje, vivem em simbiose.

Alguns estudiosos têm tratado do povo bissio como um povo integrante dos ndowe, mas isso parece dever-se a simples apreciações ocasionadas pela eterna proximidade dos dois povos, também por outros fatores de caráter histórico e demográfico. Outros povos que estiveram na mesma situação em relação ao povo ndowe são o povo basec e o povo balengue.

Os bissios eram chamados de mabea pelo povo ndowe, de mecuc pelos fang, e mais tarde os colonizadores os chamaram de bujeba. Eles eram unidos com os bacotas e os macas, na zona de Camarões, compreendida entre Yaunde, Ebolowa e Lolo, como integrantes do mesmo tronco.

A brutalidade dos fang, em seu avanço pelo leste africano, separou os bacotas e os macas, dos mabeas e o resto dos seus irmãos, os bissios, que ao separar-se foram chamados de mecuc pelos fang. Depois, os mabeas se separaram dos ngumbos por uma nova pressão de outro grupo fang de Ewondo, procedente de Sangha. Assim, uma parte dos bis-

sios se estabeleceu nas zonas costeiras de Kribi, Victoria e Rio Campo, em Camarões. Os bissios se estabeleceram na Guiné Equatorial penetrando pela parte do Rio Campo, Rio Mombe e o Rio Wolo. Pesquisas históricas revelam que a chegada dos bissios à costa posterior ocorreu simultaneamente à chegada dos ndowe, que por este motivo mantiveram várias lutas.

Em seu intento de adentrar o interior da Guiné Equatorial, os bissios se depararam com o avanço exterminador dos fang e, colocados entre os ndowes e os fang, dupla pressão, obrigaram os bissios a unirem-se aos ndowes, para fazer frente aos fang. Este tipo de situação interveio na estrutura do povo bissio, mudando o seu habitat e, se estabelecendo perto da costa quase sempre em simbiose com os ndowes e os fang, mantiveram sempre, com este último, relações matrimoniais.

Algo similar ocorreu com o grupo balengue (molen-gue). Também com eles, os ndowe mantiveram relações de casamentos e frequentes enfrentamentos. Sobre este povo, giram muitas circunstâncias que dão a entender sua diferença com o povo ndowe. Essa afirmação de que os ndowes e os balengues são grupos etnoculturais diferentes é sustentado tanto por uns como pelos outros, ainda que não falte quem sustente que, há muito tempo, ambos os grupos tiveram um tronco em comum, do que os balengues se separaram ao entrar no Estuário do Muni, no ano de 1600 (estuário do qual os balengues se atribuem ser os primeiros descobridores) e saíram ao mar pelo atual território do Gabão.

Parece que os balengues se juntaram com os basec, e com eles entraram na Guiné e se estabeleceram na costa. Na segunda entrada, os ndowes já encontraram os ba-

lengues e respeitaram seus lugares de assentamento. Os Balengues, em sua peregrinação pelas costas da Guiné, tiveram choques com os bissios, mas conseguiram estabelecer a paz. Como os balengues já haviam se dado bem com os ndowe anteriormente, serviram de mediadores entre os ndowes e os bissios. Mais tarde, lutaram contra os fang, que os expulsaram dos lugares que iam ocupando.

Os grupos Bubi e Annobônês

Estes grupos são oriundos das ilhas Bioco e Annobón, respectivamente. A primeira delas é a mais importante da Guiné Equatorial, sendo as outras Corisco, Elobey Chico e Elobey Grande, pertencentes à região continental.

A maior parte das pesquisas históricas concorda com a afirmação de que o povo bubi é originário de Camarões, pertencente ao grupo bantu da cultura do “name”, desenvolvida na antiguidade, nos confins do Lago Tchat, e sua chegada à Ilha de Bioco foi em 1550. Não obstante, também há a versão de que, 500 anos antes de Cristo, já se encontrava, na referida ilha, uma população de guerreiros nativos e, por 2000 anos, desde a aparição na ilha, dos primeiros agricultores neolíticos.

Já sobre o povo annobonês, muito pouco se pode falar sobre a pré-história da Ilha de Annobón, pois pesquisas históricas demonstram que, até o ano de 1471, a ilha estava completamente desabitada. Logo, para tratar sobre a Ilha de Annobón, deve-se partir de 1471, ano em que Pedro Escobar e Juan de Santarém, navegantes a serviço do português Fernão Gomez, a descobriram no primeiro dia do ano, ou seja, em 1º de janeiro. Pelas razões das circunstâncias do descobrimento, e porque a ilha não tinha uma definição an-

terior, os descobridores decidiram por intitulá-la pela data do seu descobrimento: Ano Bom (AnnoBon). Por outro lado, de certo modo, se pode ter a palavra ambo como a tribo e a língua natural dos annobonèses.

Depois de descoberta pelos portugueses, estes a povoaram com povos trazidos de Angola e São Tomé e Príncipe, tendo em vista que a Ilha de São Tomé e Príncipe já havia sido povoada por marginais portugueses e filhos dos judeus convertidos ao cristianismo católico. Como já mencionado anteriormente, sabe-se que algumas ilhas africanas, incluindo a Ilha de Annobón, estavam completamente desabitadas quando foram descobertas.

As invasões europeias

02

Alguns antecedentes históricos da invasão europeia na Guiné Equatorial:

- ◆ Em 1452, o Papa Nicolau V, através da bula papal “Dum Diversas”, reconhece a Portugal o direito por toda a África Negra;
- ◆ Em 1454, o mesmo Papa, através da bula papal “Romanus Pontifex”, reafirma o direito de Portugal por toda a África subsaariana;
- ◆ Entre os anos de 1469 e 1474, os navegantes portugueses Fernando Poó e Lopez Gonçalves exploram a baía de Biáfra;
- ◆ Em 1472, O navegador português Fernando Poó “descobre” a Ilha de Formosa, a qual nomeia com seu próprio nome. Continuando

com sua incursão, encontra um rio cheio de camarões, intitulando o rio com esse nome. Por este motivo, mais tarde, o próprio local e um monte ali existente passaram a se chamar Camarões. Porém, aquele local era conhecido pelos nativos com o nome de Amboses.

- ◆ Em 1493, o Papa Alexandre VI, através da bula papal “Inter caetera”, também conhecida por “Bula de participação”, repartiu o mundo entre Espanha e Portugal;
- ◆ Em 1500, feitorias portuguesas se estabelecem em Corisco (Mandji); em 1642, o português Antonio de Massas Carneiro qualifica a Ilha de Fernando Poó como um povoado de população guerreira, que se recusa a negociar escravos e com os portugueses.

O Tratado de San Ildefonso

Em 1º de outubro de 1777 foi assinado, na fazenda de San Ildefonso, um tratado no qual a Espanha devolvia a Portugal os territórios da Ilha de Santa Helena e a colônia de Sacramento, no Rio Grande do Sul. Em troca, o reino de Portugal cedeu à Espanha as Ilhas de Pagalu, Fernando Poó e toda a Guiné. A cessão de Portugal, além das ilhas, incluía as costas e os portos sob seus domínios, como os portos do Rio Ogowe, do Gabão, do Rio Muni, do Rio Campo, do Rio Camarões, do Rio Calabar e do Rio Níger.

Um ano depois, sob o comando de Don Felipe José (Conde de Argelejos), acompanhado por Santos Toro, Freyre Gonzalez de Andrade, Altamirando e Amadeu de Felerie, o Conde de Argelejos tinha como oficiais imediatos, além dos já citados, o Tenente Coronel da Infantaria, Joaquim Primo de Rivera e do Capitão de Fragata, Jose Varela Ulloa. A Expedição partiu de Montevidéu composta por uns 150

homens. Essa expedição deveria tomar posse oficial dos novos territórios, em nome do reino espanhol, e este ato aconteceu formalmente na Baía de San Carlos, hoje Luba.

A caminho de Annobón, Argelejos morreu e foi sucedido por Joaquim Primo de Rivera na direção da expedição. Em Annobón, o coronel Primo Rivera encontrou resistência, pois os africanos escravizados ali existentes haviam se rebelado. Assim, a expedição espanhola não pôde tomar posse daquela ilha. Depois de passar muitas necessidades em São Tomé e Príncipe e em Fernando Poó, a expedição, que de 150 homens só restaram 26 sobreviventes, regressou em 1783, completamente dizimada.

Em virtude de a França ter se estabelecido no Gabão e em Fernando Poó, o governo espanhol decidiu enviar uma nova expedição à Guiné, que consolidaria os direitos que a Espanha havia conseguido por aqueles territórios. A dita expedição foi dirigida por Juan Jose de Lorena, capitão de Fragata, que partiu de Cádiz em 15 de março de 1842, chegando a Fernando Poó em maio do mesmo ano. Retoma Fernando Poó em nome de Sua Majestade Izabel II. Também retoma Annobón e nomeia o inglês John Beecroft como Governador da Guiné. A ele se deve o “descobrimento de Corisco”, de onde recebeu grandes homenagens do chefe Benga Boncoro I, a quem designou governador dos bengas bapucus, buicos, macoma, masongos, combes, balengues, mogandas, asonga etc. Mudou o nome inglês de Clarence pelo de Santa Isabel, em honra a Isabel II da Espanha.

Quando regressou à Espanha, em 1843, levou dois nativos crumanes, Quir e Yague, que, ao chegarem, em 1º de maio de 1844, foram batizados pelo padre Antônio Maria Claret na capela do Palácio Real, recebendo os nomes de

Felipe e Santiago, respectivamente. A comunidade benga expressou seu desejo de ser súdita dos espanhóis e jurou fidelidade à coroa espanhola publicamente.

A Ocupação Espanhola

Pode-se afirmar que a ação colonizadora espanhola em Guiné Equatorial começou em 1900. Antes da colonização espanhola, a Espanha ficou atormentada, envergonhada e incentivada pelo humilhante espólio que, para ela, significou o tratado de Paris, em que dos 314.000 km³ que lhe foram cedidos por Portugal, ficou apenas com 28.000 km², perdendo o restante para a França em virtude da falta da presença física nos territórios a ela cedidos.

A ocupação da Guiné Equatorial pela Espanha não foi tarefa fácil porque encontrou sérias dificuldades para penetrar tanto no interior das ilhas quanto no interior do continente. Em Fernando Poó, o povo bubi chegou inclusive a envenenar as águas dos rios utilizados pelos colonos espanhóis. Os colonos só tiveram facilidades na parte litoral, onde foram aceitos sem prejuízos. Do ponto de vista do povo bubi, a penetração europeia para a implementação do colonialismo também não foi uma tarefa fácil. Um dos exemplos dessa revolta bubi foi a enérgica rejeição do imperador bubi Moca, que se opôs aos decretos coloniais de 1910, provocando uma insurreição que foi esmagada em 22 de junho do mesmo ano por uma brigada militar espanhola formada por 125 homens, apoiada por uma pesada artilharia, impondo, ao povo bubi, o trabalho forçado e obrigatório nas fazendas europeias, assim como a obrigatoriedade do ensino do espanhol aos mais jovens.

Uma das provas da oposição do povo bubi à colonização

aconteceu em 1810, quando seis soldados ingleses, após desembarcar na Ilha de Bioco, foram mortos pelos bubis. Em 1904 morre, no cárcere, o chefe bubi de Balacha e o grande anticolonialista, Sae Ebuera, é coroado como novo chefe Malabo, irmão mais velho de Moca como Botuco Moriche. Em 1917, os bubis foram desarmados pelo governo colonial.

Nas guerras entre os brancos e os fang, sobressaíram as tribos fang: Esamengón, sob a liderança de Mbogo Sogo, do povo Alum; Esacunan, liderados por Esono Aburu, do povoado de Cam; e os Nsomo, dirigidos por Metú Meye, do povoado Mbe. Em 1885, na foz do Rio Muni, pelo menos dois povoados fang foram queimados pelos espanhóis em represália, apresentando como causa um pretense roubo de mercadorias destinadas às feitorias de Hatton Cookson, em Alobey.

A situação dos negros de Guiné Equatorial, nos primeiros anos da colonização espanhola, assim como muito tempo depois, era de total sofrimento. O nativo não merecia nenhum tratamento que reconhecesse seus valores de direitos e liberdades, apenas manteve seus direitos e liberdades naturais que constituíam sua moral. O nativo era considerado um objeto humano, praticamente sem vontade ante o branco colonizador por estar sempre subjugado ao maltrato e à humilhação. Como em toda colônia ibérica, o negro africano era tratado como coisa e totalmente discriminado. O direito existe quando há conhecimento que dá direito à opção procedente da capacidade de decidir pelo exercício da liberdade. Isso significa que a capacidade de exigir o direito tem relação direta com a liberdade, situação que não encontrou o nativo da Guiné Equatorial em nenhum momento do colonialismo.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

03

A descolonização da Guiné Equatorial e sua transformação em província de Espanha



O descontentamento e inconformidade que produziu a falsa consideração da colônia em província, e a desconsideração dos direitos dos negros equato-guineanos frente aos brancos espanhóis fizeram com que se criasse o movimento clandestino denominado “Cruzada Nacional de Libertação”, composto por um nacionalismo radical que tratou de enviar uma nota de protesto à ONU, a qual, interceptada pela guarda civil, ocasionou muitas prisões. Muitos foram livrados do fuzilamento e prisões graças à intervenção do Bispo Francisco Marijuan. A partir desse momento, muitos nacionalistas e dirigentes políticos decidiram se exilar nos países vizinhos, a exemplo de Camarões e Gabão. Quando, novamente, alguns nacionalistas da Cruzada Nacional de Libertação foram presos pela Polícia do Governo Federal, o Secretário Jose Maria de la Guardia e Oya adotou uma nova estratégia que consistia em não prender mais ninguém e, sim, manter reuniões com homens do povo bubi e os do povo fernandino. Essas reuniões entre a guarda e as minorias étnicas causaram o confronto dessa minoria, especialmente os bubis, com a maioria fang, desfazendo a união que existia entre os povos de Guiné Equatorial na luta contra o branco colonizador. A rivalidade surgida entre os grupos étnicos praticamente acabou com o radicalismo político que se havia implantado no país. Então os grupos étnicos minoritários se puseram frente aos fang, o grupo majoritário. Com o fim da Cruzada Nacional de Libertação, a Espanha acabou com sua preocupação em relação à província e deu lugar a uma absoluta política de desprezo a Guiné, tomando a decisão de não conceder a independência, impondo o argumento de que a Guiné não tinha capacidade para governar-se. Mas a Espanha já tinha em mente

que a independência da Guiné já estava por acontecer e, se dependesse da política de Fernando Maria Castella, o país já seria independente, pois isso favorecia a Espanha internacionalmente e ainda a ajudaria na posse do Estreito de Gibraltar, mas essa independência não acontecia em virtude da política de Carrero Blanco, que tinha obsessão pela posse da colônia.

04

Alguns personagens contrários à ocupação espanhola



Mbogo Nsogo

Originário de Camarões. Depois que foram derrotados pelos povos bulus, benvele e flubès, grande parte dos fang decidiu abandonar Camarões, cruzando o Rio Ntem com seus familiares e seguidores. Conta a tradição que, ao ter perigosas dificuldades para cruzar o grande rio, as águas deste se contiveram, deixando um espaço pelo qual Mbogo Nsogo passou com seu povo. O lugar por onde passou Mbogo Nsogo é o atual porto de Nñabedian, no que, desde então, não houve nenhum acidente mortal de navegação. Por ter um reconhecido exército de guerreiros, durante sua odisséia de fuga de Camarões, já depois de ter ultrapassado as fronteiras da Guiné, Mbogo Nsogo foi muito perseguido por alemães e ingleses. Já em território guineano, em viagem de reconhecimento pelas proximidades de Mbini, Nsogo se encontrou com Uganda-Santiago. Os dois não se conheciam, mas suas figuras e personalidades lhes chamaram muito a atenção. Como estrangeiro, Nsogo fez algumas observações comparando os brancos alemães e ingleses que ele havia deixado em Camarões com os brancos espanhóis, os quais qualificou de falsos, maliciosos, interessados apenas nas pessoas de quem obteriam algum benefício. Por causa do comportamento dos espanhóis contra os equato-guineanos, Mbogo Nsogo começou a organizar saques às feitorias dos brancos, levando tudo o que encontrava pelo caminho, chegando inclusive a agredir, na cidade de Bata, os brancos que se opunham aos seus saques. Causou tanto pânico e preocupação nos europeus, sobretudo nos comerciantes, que provocou sua difícil prisão. Por fim, tomou o poder, o saber e a posse. Mbogo Nsogo, dizem, foi conduzido à prisão de Micomiseng, de onde, condenado a

ser fuzilado, nenhum dos tiros disparados o atingiu. Então ele foi amarrado, amordaçado e enterrado vivo. Essa foi uma das maiores atrocidades cometidas pelo malvado e desumano Tenente Ayala.

Esono Aburu

Dentre as grandes e reconhecidas personalidades que se opuseram ao regime colonial da Espanha figura Esono Aburu. Ele era filho de Esono Nsogo Obiang, da tribo Esacunan, do povoado de Cam. Segundo testemunhas, o pai de Esono Aburu, no seu leito de morte, deixou uma proibição que, se não fosse cumprida, traria grande desgraça para a comunidade. A proibição consistia em que os “albinos”, referindo-se aos europeus que estavam infestando a Guiné, não pisassem em seu povoado, de modo que aqueles que ousassem chegar ali deveriam morrer, pois senão, a comunidade sofreria todas as más consequências.

Durante a perseguição ao líder Mbogo Nsogo, o exército colonial espanhol, composto por soldados bulus, ganeses, senegaleses e alguns fang, chegou ao povoado de Mameni. Os habitantes de Mameni, para desviar os espanhóis da perseguição a Nsogo, os enganaram dizendo que o fugitivo se encontrava no povoado de Cam.

Enquanto o exército colonial descansava, antes de invadir o povoado de Cam, foi enviado um emissário que se dirigiu ao povoado Cam para lhes prevenir sobre o que iria acontecer. Conhecida a situação e sabendo da proibição que pesava sobre sua comunidade em relação à presença do branco, Esono Aburu reuniu todos os presentes e anunciou que estava próxima a violação da proibição imposta por seu pai, pois o branco estava próximo de pisar nas suas terras,

porque procuravam uma pessoa que não estava lá. Como sabia que saindo de Mameni para chegar a Cam só existia um caminho, o de Ncomecoc, Esono posicionou seus guerreiros nos lados da estrada e, quando o exército colonial passou pela estrada, a um sinal de Esono, seus guerreiros atacaram esse exército quase os levando ao extermínio. O chefe do exército colonial, junto com os que conseguiram sobreviver, regressaram à cidade de Bata para buscar reforços. Ao voltar para o povoado de Cam, decidiram mudar a rota, optaram por passar por Micomiseng, entrando por Mbam-Esamengón, para sair por Ebengoan-Esamengón. O povo de Ebengoan também enviou um emissário para prevenir Esono. Novamente, ele preparou-se para a chegada do exército colonizador e infligiu uma nova derrota a esses militares. Na terceira vez, o exército voltou muito mais reforçado, e como o povo de Cam se viu já em inferioridade numérica e sem condições de fazer frente ao inimigo, decidiram queimar todo o povoado e escapar. Na perseguição ao povo de Cam, o exército colonizador alcançou seu objetivo prendendo Mbogo Nsogo.

Depois de terminada a caçada em busca de Mbogo Nsogo, a autoridade colonial buscou novos pretextos para prender o guerreiro Esono Aburu. Ao não conseguir encontrá-lo, como estratégia ofereceu-lhe sua amizade e enviou-lhe frequentes presentes. Quando acreditou já ter conseguido sua amizade e confiança, o convidou para ir a Micomiseng para ser condecorado como chefe de sua redondeza, mas devia levar consigo todas as armas e munições que dispunham os povoados de sua redondeza: Mameni, Acam, Cam etc. Esono Aburu, completamente iludido, ao chegar a Micomiseng acompanhado de seu povo, foi preso, encarce-

rado e torturado. Ele, longe de se intimidar, valentemente os chamou de falsos e disse que essa falsidade lhes traria grandes problemas e dificuldades no futuro.

A autoridade colonial, talvez influenciada pelo sentimento de culpa, em vez de condenar o guerreiro Esono Aburu, que tanto lhes enfrentou com reconhecidas vitórias, o soltou: deu-lhe a liberdade e o respeitou como chefe de seu povo. Assim, o grande Esono Aburu morreu, em 1945, entre os seus, em seu povoado de Cam-Esacunam-Micomiseng.

A provincialização da Guiné Equatorial

05

Como os ventos da independência que sopraram ao final da década de 1950 não retrocediam, uma resolução da ONU, em 1957, obrigou a Espanha a descolonizar a Guiné Equatorial. Daí que, por um decreto do governo espanhol de 10 de outubro de 1958, acabou formalmente o período colonial, suprimindo a denominação “Territórios Espanhóis do Golfo da Guiné”, para passar a chamar-se “Província Equatorial”. Posteriormente, vendo os inconvenientes que encerravam o reconhecimento e consideração da Guiné como apenas uma província, dificultaria as tendências separatistas. Pela lei de 30 de junho de 1959, a província unitária de Guiné se dividia em duas: a

província de Fernando Poó, com capital em Santa Isabel, e a província de Rio Muni, com capital em Bata.

Cabe pontuar que, uma vez dividida a unitária Província Equatorial em duas, a de Fernando Poó e a do Rio Muni, os colonialistas começaram a política de divisão dos nativos, orientando-os a diferentes direções, dando qualidades diferentes em relação aos distintos grupos étnicos. Tentaram impedir que os fang se relacionassem com os bubis e ndowes, dizendo aos bubis e aos ndowes que eles não deviam se relacionar com os fang, pois estes eram selvagens, brutos e canibais. Em sua humilhante e vergonhosa política de “dividir para vencer”, o colonialista, ao mesmo tempo em que exaltava a fortaleza física dos fang, elogiava as etnias minoritárias dizendo que, como eram civilizados, não deveriam se relacionar com os fang, que eram bastante ignorantes.

A intenção política do governo espanhol estava determinada a retardar a independência da Guiné Equatorial. Por isso, seu primeiro impulso para confundir a opinião internacional, sobretudo a ONU, da qual ela fazia parte, foi o reconhecimento da Guiné como província da Espanha. Os equato-guineanos teriam os mesmos direitos que os espanhóis da metrópole - afirmação que não passou de uma falácia, como outras tantas do programa político para o atraso da Guiné Equatorial.

06 Alguns personagens que reivindicaram a independência da Espanha

ENRIQUE NVO OKENVE

Um dos fundadores do IPGE - Ideia Popular da Guiné Equatorial, primeiro e grande articulador para a independência de Guiné Equatorial.

CARMELO NGUEMA NDONG ASUMU

Filho de Ndong Asumu, da tribo Esambé, e de Nfono Nveme, da tribo Nsomo, foi considerado o mais notável mobilizador, orientador e iniciador do movimento nacionalista com a intenção de conseguir a independência nacional da Guiné Equatorial.

ACÁCIO MAÑE ELA

Depois de ter passado por situações em que sofreu extrema discriminação racial, passou a ser um grande companheiro e assessor de Enrique Nvo Okenve na sua luta pela independência de Guiné Equatorial.

SANTIAGO UGANDA

Filho de Ekimo e de Ngola, pertencentes à tribo Gabengue de Lembe, em Corisco. Com a morte do Rei Utimbo Fernando, de Corisco, Uganda sobe ao trono, em 1900, proclamado pelos ndowe. Uganda, junto com Mbogo Nsogo, foi o responsável pelo acordo com os espanhóis para que deixassem através do “Acordo da Ceiba”, que nunca foi cumprido. Uganda, como única personalidade jurídica, exigia respeito e bons tratos aos nativos do local. O almirante espanhol Carreiro, em viagem à cidade de Bata, propôs a Uganda a concessão e o reconhecimento de um status especial de emancipação para o povo ndowe-benga. Uganda declinou o injusto e separatista oferecimento pois, para ele, todos os grupos etnoculturais de Guiné Equatorial tinham os mesmos direitos políticos. O conceito de unidade nacional de Uganda Santiago lhe concedeu respeito e consideração dos grupos étnicos de Guiné Equatorial, principalmente entre os fang, que sempre foi repellido pelo branco porque o líder político Enrique Nvo Okenve sempre manteve contato com ele.

A autonomia da Guiné Equatorial

07

A apreciação da gravidade desta nova falsidade espanhola (a província), através do perverso Carrero Blanco, o paladino da opressão de Guiné Equatorial, provocou os nacionalistas exilados a aumentarem suas queixas e denúncias diante da opinião pública internacional e diante da ONU. Por isso, cresceram as pressões internacionais sobre a política do Governo de Madrid. Diante de tudo isso, começou a soar na rádio macuto a frase “Autonomia para Guiné Equatorial”. Já em outubro de 1962, aproveitou a visita de Carrero Blanco à Guiné Equatorial com a intenção de sufocar a campanha internacional dos nacionalistas equato-guineanos. Nessa viagem, Carrero

afirmava e prometia que a Espanha não se oporia jamais a conceder a independência a Guiné se houvesse chegado o momento e se estivesse convencido de que o país tinha consciência de sua capacidade e autêntico desejo da independência, e não fosse vítima das possíveis ambições de um grupo inteligente e apenas com pretensões pessoais de cargo. Quando voltou à Espanha, propôs uma comissão de juristas que levasse a cabo o estudo de um projeto de lei para o processo de autonomia da Guiné Equatorial. Quando, em 9 de agosto de 1963, a Espanha anuncia oficialmente que iria conceder a autonomia a Guiné Equatorial, se multiplicam as atividades dos movimentos políticos pré-independência porque, ao alimentar os egoísmos pessoais e coletivos dos grupos, vão diminuindo-se paulatinamente a sua impetuosidade.

Essa situação trouxe a necessidade de se aglutinar todas as concepções políticas em um só movimento, que escolheu as aspirações e tendências das insurreições existentes, de onde nasceu o Movimento de União Nacional de Guiné Equatorial - MUNGE, de corte espanholista, produzindo uma suspeita geral. Para a elaboração da lei das possíveis bases para a autonomia, uma comissão formada pelos representantes de todos os distritos de Guiné Equatorial foi a Madrid e, em 28 de novembro do mesmo ano, a lei de bases foi apresentada e aprovada pela Corte Espanhola. Em 20 de dezembro, o ditador espanhol Franco assinou a dita lei proclamando a autonomia da Guiné Equatorial. Imediatamente depois de proclamada a autonomia de Guiné Equatorial, muitos exilados políticos regressaram ao país, dentre eles, Bonifácio Ondo Edu.

Organização do governo autônomo

08

Aprovada a Lei de Bases do Governo Autônomo, sancionada e assinada por Franco, sucedeu a formação do Conselho do Governo Autônomo para a criação do Estatuto da Autonomia. Foram convocadas eleições com a finalidade de renovação de todas as instituições com disputas nas províncias, nas corporações municipais, assim como nos conselhos dos bairros do território nacional. Mais tarde, se constituiu a primeira Assembleia Geral composta por oito deputados da província de Fernando Poó, dentre eles um branco, e dez deputados pela província do Rio Muni, dentre eles dois brancos. Depois da constituição da Assembleia Geral, procedeu a eleição

e votação dos presidentes das disputas provinciais. Por Fernando Poó foi eleito Enrique Gori Molubela, e por Rio Muni, Federico Ngomo Nnandong. A presidência das sessões da Assembleia Geral era rotatória entre os dois representantes das províncias, e a primeira assembleia foi presidida pelo representante de Fernando Poó.

Em 13 de maio de 1964, reunidos os deputados das duas províncias sob a presidência de Enrique Gori Molubela, deu-se procedimento à eleição do Presidente do Conselho do Governo Autônomo. O resultado foi que Francisco Macias Nguema obteve 17 votos e Bonifácio Ondo Edu obteve 16 votos. Pelo decreto número 1615/1964, datado de 27 de maio, Franco nomeou Bonifácio Ondo Edu como Presidente do Conselho do Governo Autônomo da Guiné Equatorial. Cabe ressaltar que Macias aceitou amargamente a humilhação e injustiça infligida à sua pessoa pela Espanha ao mudar o resultado das eleições que ele havia ganhado, relegando-lhe a vice-presidência e o Conselho de Obras Públicas. Vale ressaltar que mesmo com a autonomia da Guiné, isso não significou a sua independência, visto que o Conselho da Defesa do país ficou a cargo de um Comissário Espanhol. A ação e atuação do Governo Autônomo estiveram sempre submissas à autoridade espanhola, por isso o regime autônomo não tomava nenhuma decisão importante, pois sua ação era sempre travada pela autoridade espanhola.

Enfim, a independência

09

Após várias pressões da opinião pública internacional, principalmente da ONU e da Organização da Unidade Africana - OUA, a Espanha foi obrigada a dar seguimento aos processos de independência da Guiné Equatorial. Em setembro de 1962, na Conferência de Libreville, a OUA recomendou à ONU acentuar as pressões à Espanha sobre a causa da independência da Guiné. Aceitada a proposta da ONU sobre a Independência da Guiné Equatorial na Conferência de Argel, em junho de 1966, o embaixador espanhol, Jaime Piniés, ao mesmo tempo em que anunciava a decisão da Espanha de conceder a Independência da Guiné Equatorial, também

afirmava a postura de enviar para o país africano o Comitê dos Vinte e Quatro para comprovar o estado do país, e esse o visitou em 1967. No retorno dessa comissão, a Espanha anunciou a convocação de uma conferência para redigir a Constituição da Guiné Equatorial e a eleição do Presidente do país. Como já era comum acontecer, quando se aventava a possibilidade de independência de Guiné Equatorial, o representante espanhol na Guiné, Carrero Blanco, junto com os empresários espanhóis que exploravam a Guiné, não eram a favor dessa independência e fizeram de tudo para que isso não acontecesse. Dessa vez, eles incentivaram o povo bubi, representado por Edmundo Bosio Dioco, a lutar pela divisão do país. Eles queriam que a Província de Fernando Poó fosse separada da província do Rio Muni. Eles diziam que, independente dos 300 km de mar que separavam as províncias, entre ambas não existia nada em comum - aliás, a única coisa em comum fora a colonização espanhola. Os bubis, incitados por Carrero Blanco, diziam que a província do Rio Muni representava prejuízo econômico, social e cultural à Ilha de Fernando Poó. Porém, nem todos na província de Fernando Poó eram favoráveis à separação. O maior opositor era o pastor Toraho, presidente do MONALIGE. Para ele, os fang do Rio Muni eram menos perigosos do que os 60 mil imigrantes nigerianos que infestavam a Ilha, sobre os 16 mil que compunham a população total dos bubis. Salomé Jones, que representava a minoria fernandina, também era contra a separação e denunciava os capitalistas espanhóis que ameaçavam os que fossem contra a separação. Ademais, Toraho argumentou que o povo bubi não manifestou a sua intenção de separação ao Comitê dos Vinte e Quatro, quando estes visitaram o país.

O povo ndowe também não defendeu a separação - argumentou as razões de segurança na união com os fang, pois mantinha eterna harmonia com esse povo desde a invasão espanhola. O povo corisquenho não só se opôs à separação, como considerou ridícula, infundada e injusta a postura bubi em relação aos fang do Rio Muni, pois, apesar da sua insignificância numérica, tinha todas as representações de igual para igual com o Rio Muni. O povo annobonés também se opôs à separação pois, para eles, desde que o destino uniu as suas histórias, eles se sentiam em um só povo e diziam também que a segurança da Guiné Equatorial estava no povo fang, que eles consideravam os mais altruístas. Após passar por todos estes problemas causados por Carrero Blanco, finalmente o país consegue a sua independência política da Espanha, sem a divisão almejada pelo povo bubi, sob influência de Carrero.

Em 22 de junho de 1968, a Conferência Constitucional convoca eleições presidenciais e se apresentam os seguintes candidatos: Bonifácio Ondo Edu, Atanásio Ndong Miyono, Edmundo Bosio Dioco e Francisco Macías Nguema.

No primeiro turno, Francisco Macías Nguema recebeu mais de 36 mil votos e Bonifácio Ondo Edu recebeu quase 32 mil votos, indo estes dois candidatos para o segundo turno.

No dia 29 de setembro de 1968, o povo de Guiné Equatorial foi às urnas para eleger o seu primeiro presidente. Após a apuração dos votos, obteve-se o seguinte resultado: Francisco Macías Nguema recebeu 68.310 votos e Bonifácio Ondo Edu obteve 41.254 votos. Sendo assim, no dia 3 de outubro de 1968, Macías foi reconhecido e proclamado o primeiro presidente eleito da República da Guiné Equatorial. Assim, em 9 de outubro de 1968, através do decreto

2467/1968, o Governo da Espanha concede Independência à Guiné Equatorial. Com este decreto, a Espanha deixa de explorar aquele país africano após 191 anos de presença em Guiné Equatorial.

Francisco Macías Nguema

10

Para chegar ao poder, Macías não se importava em mentir, enganar, pisar e matar, ele fazia o necessário para conseguir seus objetivos. Assim, enquanto os demais confiavam nos meios para alcançar seus objetivos, Macías adotou a campanha de conversas com todos. Assim, ele dialogou com pessoas de todos os grupos étnicos do país, com promessas e mentiras, sem escrúpulos, nem compromissos. Tinha um programa sociopolítico cheio de atrativos e de esperanças, contudo, não faltaram ameaças. Para Macías, não importavam os meios para conseguir o seu objetivo: aos trabalhadores, prometia salários maiores; aos estudantes,

prometia fardamentos; aos agricultores, prometia créditos e bons preços; ou seja: a cada casta social, fazia uma promessa diferente. Este era Macías, carente de uma consciência responsável. Não lhe importava enganar para ganhar: para ele, qualquer meio, qualquer caminho era de rosas, contanto que o dirigisse aos seus objetivos. Ele era um verdadeiro estrategista, e embora empregasse boas palavras, no fundo elas estavam sustentadas pelo mal. Macías era um grande mobilizador das massas, as quais ele tinha facilidade e capacidade de vencer e atrair para os seus fins. Ele tinha o dom da penetração nas massas e fazia com elas o que queria. Essas importantes virtudes que, se empregadas para o bem, poderiam ser benéficas para a comunidade, postas em Macías, o levaram à vitória e ao poder, para a desgraça das comunidades que, crendo em suas promessas, confiaram nele e o escolheram para a perdição do povo da Guiné Equatorial.

Já em 1968, após ganhar a eleição para presidente do país, Macías colocou no governo todos os que o ajudaram a se eleger. Porém, Bonifácio Ondo Edu, que disputou com ele a presidência do país, como já conhecia o comportamento rancoroso e odioso de Macías, resolveu se exilar no Gabão. Entretanto, Ondo Edu cometeu o erro de retornar ao seu país. Como razão desse retorno, existem duas versões: a primeira diz que Edu foi chamado por Macías a retornar ao país com a garantia de que não atentaria contra a sua vida; a outra versão diz que o presidente do Gabão o enviou para Macías. Tanto numa como na outra versão, Ondo Edu cometeu o erro de voltar e, como consequência de seu retorno, ele foi traiçoeiramente assassinado na prisão de Santa Isabel.

Desde o princípio, Macías se preocupou em festejar com seu povo a independência de seu país, mas os excessos dos seus partidários chegavam a roubos e saques sustentados com intimidações. Como dito anteriormente, Macías cumpriu responsabilmente com todas as pessoas que o ajudaram a chegar à presidência do país, não importando a etnia à qual essa pessoa pertencesse e ainda que, depois, ele fosse eliminá-los paulatinamente. No início, ele tinha uma relação muito amistosa com a Espanha, porém, com o passar do tempo e a falta de apoio econômico, ele começou a atacar o país, chegando até a expulsar embaixadores espanhóis.

Durante seu governo, Macías perseguiu, prendeu e assassinou todas as pessoas que ele achava serem perigosas. Bastava a pessoa ser respeitada em seu povoado que ele prendia, torturava e assassinava, e alguns exemplos da sanha assassina de Macías foram Mariano Mbá Micha e Antônio Ndong Engonga.

Com a ascensão de Macías ao poder, tornaram-se frequentes os ataques aos espanhóis residentes em Guiné Equatorial, causando pânico entre os espanhóis, sobretudo os empresários capitalistas. Em um pronunciamento ao país, Macías disse que se as empresas madeireiras, assim como todos os empresários, não se submetessem ao Governo e à política do país, todos os seus bens seriam confiscados e nacionalizados.

Em 1972, Macías se autoproclamou presidente vitalício do país e, sob sua ditadura, nunca se celebraram eleições livres. Naquele ano, decidiu assumir, além da presidência vitalícia, os cargos de primeiro-ministro e de ministro do Exército, Justiça e Finanças. Durante sua presidência,

a Guiné Equatorial recebeu o desafortunado apelido de Auschwitz (campo de concentração) africano, e se destacou pelas execuções políticas. Macías reprimiu, com grande dureza, tanto a oposição conservadora, como a de esquerda, e se tornou bastante autoritário e duro na hora de impôr as reformas que tinha em mente. As continuadas violações aos Direitos Humanos cometidas pelo regime de Macías provocaram o exílio para os países vizinhos (Camarões e Gabão) ou para a Europa (Espanha e França) de mais de um terço da população total da Guiné Equatorial. Todo o aparato repressivo do estado da Guiné Equatorial (exército e guarda presidencial) era controlado de modo absoluto pela família e parentes de Francisco Macías ou por outros membros de seu clã. O número de mortos sob a ditadura de Macías é estimado entre 50.000 e 80.000, de uma população de umas 300.000 pessoas. Entre as muitas ações paranóicas do presidente, há que assinalar a proibição do uso da palavra intelectual ou a destruição das embarcações, pois ele havia proibido a pesca. Em 1976, Macías africanizou seu nome, passando a se chamar Masie Nguema Biyogo Nguene Ndong, depois exigiu o mesmo do resto da população. As condições chegaram a ser tão nefastas que até sua própria esposa fugiu do país. Macías desenvolveu um extremado culto à própria personalidade. Atribuiu a si títulos como o de “milagre único” e “imperador”.

Em agosto de 1979, Teodoro Obiang Nguema Mbasogo organizou, com a ajuda de parte do exército, um golpe de estado que derrubou Francisco Macías. Este se refugiou em um bunker na selva, e ali destruiu as reservas financeiras do país. Por causa disso, o país teve que enfrentar uma gravíssima crise monetária. Entretanto, Macías não conse-

guiu reunir em torno de si recursos necessários para se opor a Obiang e foi capturado pelos rebeldes pouco tempo depois. Teodoro Obiang o submeteu a um julgamento sumário diante de um Tribunal Militar, no qual Macías foi acusado, entre outras coisas, de genocídio, deportações em massa e apropriações indevidas. Foi condenado à morte em setembro de 1979 e fuzilado imediatamente. O temor que ele despertava entre os nativos era tão grande que nenhum soldado da Guiné Equatorial se atreveu a formar parte do pelotão de execução, por isto foram soldados marroquinos que dispararam. Segundo os equato-guineanos, Macías utilizava a magia para atemorizar a população.

Teodoro Obiang Nguema Mbasogo

11

Nascido no seio do clã Esangui em Acoacán, Teodoro Obiang juntou-se aos militares durante o período colonial, tendo frequentado a Academia Militar de Saragoça, na Espanha. Alcançou o posto de tenente após a eleição de Francisco Macías Nguema. Obiang ocupou vários cargos, incluindo os de governador de Bioko, chefe da prisão da Praia Negra e líder da Guarda Nacional.

Depôs Francisco Macías em 3 de agosto de 1979 num golpe de estado. Macías foi levado a julgamento pelas suas atividades ao longo da década anterior e condenado à morte. Entre suas atrocidades, incluíram o genocídio dos bubis. Foi executado a 29 de setembro de 1979 por fuzila-

mento. Obiang declarou que o novo governo iria trazer um novo começo em contraste com as medidas repressivas tomadas pela administração de Macías. Obiang herdou um país com um tesouro vazio e uma população que havia decaído para um terço do que tinha em 1968, tendo 50% dos seus anteriores 1,2 milhão de habitantes emigrado para a Espanha, para os seus países vizinhos africanos ou mortos durante a ditadura de Macías. A presidência foi assumida oficialmente em outubro de 1979. Uma nova constituição foi adotada em 1982. Ao mesmo tempo, Obiang foi eleito para um mandato de sete anos como presidente. Foi reeleito em 1989, sendo candidato único. Após a legalização de outros partidos, foi eleito em 1996 e 2002. Sobre o presidente Obiang, colocaremos a seguir uma parte do livro da pesquisadora Carmela Oyono Ayingono, que escreveu um livro sobre a vida do atual presidente de Guiné Equatorial:

“Efetivamente, o Golpe de Liberdade marca um grande rito não só na história de Guiné Equatorial como, em geral, na história da humanidade. Não foi um simples golpe militar, como tantos outros na África, e sim, uma verdadeira metamorfose social. O país à época do então Tenente Coronel Obiang, assistiu a partir daquele momento uma mudança determinante nas estruturas sociais que permitiu um novo momento histórico, político e cultural em Guiné Equatorial e, a partir de 1987, com a criação do Partido Democrático de Guiné Equatorial, são geridos novos suportes mecânicos e técnicos numa sociedade de novos valores, consequência das mudanças políticas produzidas que trouxe as evoluções posteriores.”

A cultura de Guiné Equatorial

12

Religião tradicional na cultura Fang

Para o povo fang, o meio mais propício para se comunicar com o poder absoluto, abstrato e indescrevível era por meio de seus antepassados, os mortos, e eles faziam isso através de três rezas, que são: Melan, Abira e Ndomba.

O Melan era convocado quando um mal muito grande e de caráter geral ameaçava a comunidade, como, por exemplo, a não procriação das mulheres, a falta de peixes para a pesca ou a falta de caças e a falta de incorporação de novas esposas na comunidade;

O Ndomba, também conhecido como Aboc-Misem, era celebrado quando um mal se

localizava na comunidade ou em uma determinada família, manifestado através de doenças graves, como epilepsia, sarampo, abortos prematuros e outros;

A Abira se celebrava como purificação do povo, com relação a certas dúvidas sobre a normalidade, ou quando o povo, com vistas a certas celebrações importantes, queria dissipar a proximidade de algum mal.

Nzama - Designação do Deus criador. Esse nome aparece em uma lenda fang, que falava sobre um homem lendário, virtuoso e poderoso, representação da perfeição, poder, virtude, bondade, retidão, riqueza do povo fang. Chamado Nzama Ye Mebegue, ele era o perfil ideal do patriarca fang. Protegido de todo o mal procedente da bruxaria do evú (mal). Com o aparecimento do cristianismo, o colonizador aproveitou a crença em Nzama para evangelizar o povo fang, dizendo que Nzama era o Deus todo-poderoso e pai de Jesus.

Para o povo fang, os conceitos de céu, inferno, santo, pecado e diabo não existiam. O fim único do bem e do mal era a pessoa humana. O mal não tinha nenhuma relação com o pecado ou ofensa a Deus.

A religião tradicional nas outras etnias de Guiné

Para o povo ndowe, o homem não terminava com a morte. Eles acreditavam que existia um mundo pós-morte formado pelos espíritos e forças dos mortos, chamado idimo. O idimo não morria jamais, ele vivia eternamente, podia reencarnar e podia ajudar aos seus que ainda viviam no plano material. Acreditavam que a reencarnação do idimo estava relacionada com a qualidade e a orientação da pessoa por suas obras quando era vivo.

Na religião tradicional do povo bubu existiam mais de cem espíritos, cada um com capacidades, forças e poderes independentes, atributos que não necessitavam da intervenção de outros espíritos conhecidos ou com invocações ou chamados atribuídos a esses espíritos. A seguir, listamos alguns espíritos principais do povo bubu:

Bapatório espírito da terra;

Barimo espírito dos antepassados;

Bisila espírito mãe do universo;

Botéribu espírito da criação;

Bapari espírito que curava a desintéria;

Basosolo espírito dos pescadores;

Basocoari espírito que castigava pelo mal ou roubo praticado.

O povo annobonés, como todo povo bantu, não conhecia, nem se dirigia a um Deus do céu ensinado pelo catolicismo. O povo annobonés, em suas necessidades, se dirigia a uma força que, no fundo, não se podia descrever, identificar ou situar no espaço. A essa força e esse poder eles chamavam de nasiol.

A dança para o povo fang

A dança para o povo fang nunca foi uma mera manifestação de alegria ou consolo da alma. Todas as danças e cada uma delas cumpriam uma tarefa social, como por exemplo: treinamento, rezas, entretenimento e recomendação. Tanto é assim que a dança fang, na maioria das vezes, cumpria uma exigência social. A maior parte dos ritos de transição social fang se realizava através da dança, para dar-lhes maior solenidade, maior publicidade, maior expressividade

e maior impregnação social, porque uma das funções da dança era a de aumentar a importância social de algo que se considerava valioso dentro da sociedade.

As danças originais ancestrais reconhecidas no povo fang foram as seguintes: Endondom, Ndomba, Mendyangidas, Mvet, Mbatua, Megan e Acomamba.

glossário

- ◆ **Abec** chifre de antílope
- ◆ **Bahobes** homem, em bubi
- ◆ **Baleopi e balombe** tipos de culturas do povo bubi
- ◆ **Deneg** anão dançarino de Deus
- ◆ **Evú** mal
- ◆ **Idimo** espíritos e forças dos mortos
- ◆ **Kie** o nome de um rio de Guiné Equatorial
- ◆ **Melongo** um tipo de vime
- ◆ **Name** cultura desenvolvida na antiguidade, nos confins do Lago Tchat
- ◆ **Ngoo** enguia seca
- ◆ **Nseng** vila, rua
- ◆ **Ntem** o nome de um rio de Guiné Equatorial

glossário

- ◆ **Ntemayat** o outro lado do Rio Ntem
- ◆ **Nvele** uma das expedições de guerra do povo fang
- ◆ **Oban** uma das expedições de guerra do povo fang
- ◆ **Oveng** árvore mais importante para o povo fang
- ◆ **Rombe** cabra, animal sagrado para o povo ndowe

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Antologia poética



1º lugar: Ilê de Guiné

(Jucka Maneiro – Sandoval – Roberto Cruz)

Vou exibir o meu tema para você
Porque sei que veio me ver
Desfilar na avenida carnaval
Por isso historicamente o Ilê
Escolheu para encantar você
Cantando Guiné Equatorial
Nação incutida numa literatura
De luta, de raça e resistência
De África como influência
Arte, costume, cultura musical
Crença, religião fundamental
Guiné de Malabo capital
Vamos dançar balelé
Ginga que vem da Guiné
Vamos dançar mbanga
Ilê Aiyê axé
Simbolicamente emblemática
Guiné situada ao oeste da África... Central
Grupos que formam a sua etnia
Fang, ndowe, bubis, annobonês
Congada continental
Bioko da parte insular
Assim se destacam, em Guiné, as suas ilhas
Celebração ritmia
Dança expressão social
Realidade magia
Originalidade ancestral
Para embalar no passo do endondon
Acomamba, megan
O Ilê convida

VENCEDORAS DO FESTIVAL
Letras de Músicas - Categoria Tema

2º lugar: Guiné equatorial

(Genivaldo Evangelista e Kátia Show)

Situada ao Golfo da Guiné
Nação Ilê Aiyê África
Guiné Equatorial
Malabo, Malabo negra capital
Católico romano cristianismo
Fé que predomina na população
Crença muçulmana, fé, Bahia
Na força mística religião
Região bem central
África continental
oi hô, hô, hòi
Guiné, Guiné, Guiné Equatorial
oi hô, hô, hói
Guiné, Guiné, Guiné Equatorial
De origem bantu, fang tribo
Ilha de Bioko migração
Fang ntumu e o - kah
São dialetos da região
Ilê Aiyê geograficamente
Traz herança pré-colonial
Cultura ancestralidade
A geração atual

VENCEDORAS DO FESTIVAL
Letras de Músicas - Categoria Tema

3º lugar: Um grito de liberdade

(Petronilho Santos)

Vem de Guiné toda essa minha beleza
Vem de Guiné toda essa minha beleza
É de Ndowne, fang e bubis
Minha herança ancestral
Ilê Aiyê toca tambor
Para Guiné Equatorial
Em terras distantes aconteceu
Guerras entre as tribos
Invasões de europeus
Nsogo previa
Temia a peste se espalhar
Nosso chão tão sagrado
Albinos jamais deveriam pisar como objetos
Os nativos escravizados (bis)
Oh Nzama! Socorrei os humilhados (Refrão)
Macías, o "Imperador"
Enlouquecido com o poder, aterrorizou
Uma voz mais alta, sim, o silenciou
Quem semeia a dor, jamais colherá amor
A resistência proclamou-se a independência
Mudou-se a história de toda humanidade
Dançou-se ndomba e megan solenidade
Obiang, um grito de liberdade

VENCEDORAS DO FESTIVAL

Letras de Músicas - Categoria Tema

1º lugar: É preciso ser Ilê

(Adailton Poesia e Valter Farias)

Vários cantos marcam a resistência
Que acompanha os afrodescendentes
no Brasil
Quilombos, banzos e uma nação ardil
Foi na força dessa história
Que a magia Ilê surgiu
Uma herança aguerrida
Ilê Aiyê é um recado
É um legado que vem lá do outro lado
Foram vários elementos
Pra o Ilê chegar no tempo
E levantes não faltaram
Formatando o movimento
Quando os ancestrais acharam
O momento crucial
Deram o toque à Liberdade
Vem o Ilê pro carnaval
Não é fácil de plantar
Muito menos de colher
Pra sentir e assimilar
É preciso ser Ilê
(Refrão)
Bem mansinho sobe a ladeira
E vem lá do Curuzu
Foi criado sob a bênção
De Mãe Hilda Jitolu
No Ilê dá pra medir que a luta caminhou
Foi apenas uma etapa
Pois a guerra não acabou
Segue o Ilê, segue sua sina
Firme na revolução
Fé na ancestralidade
Fundamenta sua missão

VENCEDORAS DO FESTIVAL
Letras de Músicas - Categoria Poesia

2º lugar: Ilê minha segunda pele **(Nem Tatuagem)**

Ninguém resiste ao brilho do Ilê
Ninguém resiste a essa sinfonia
Seu coral negro invade universo
A sua luz acende a chama do meu dia a dia
Vou me espelhando na sua grandeza
Jamais me canso de te exaltar
Tu és o afro mais belo do mundo
No meu coração você vai sempre estar
Mas, não há quem apague
Essa felicidade contida em meu ser
É lindo ver o rio desaguando no mar
(bis)
Mais belo é ver a saída do Ilê Aiyê
Meu Ilê Aiyê
Minha segunda pele
Respiro você, luz do meu viver
Flecha que não fere
Não faz sentido viver sem você
Fica um vazio no meu coração
Hoje eu te quero muito mais que ontem
Ilê Aiyê minha eterna paixão

VENCEDORAS DO FESTIVAL
Letras de Músicas - Categoria Poesia

3º lugar: Negras perfumadas

(Milton Boquinha e Marito Lima)

Minha linda preta

Eu deito e acordo pensando em você

Levanto louquinho somente para te ver

Tá difícil de te esquecer (bis)

Você é a estrela negra que brilha para mim

É a rosa mais linda do meu jardim

Uma paixão que nunca tem fim

Me pegue, me abrace, me beije

Faça o que quiser

Eu sei que você é uma linda mulher

E eu estou para o que der e vier

Exalou o perfume dela

Eu vou seguindo o Ilê Aiyê

(Refrão)

Para ver se encontro com ela

A noite mais esperada e estrelada é a da beleza negra (bis)

Vai eleger a Deusa do Ébano

Uma negra forte, cheia de riqueza

Que vai reinar o ano todo

Representando a raça negra

Ilê casa forte, tambor, candomblé canta para orixá (bis)

Povo de santo de mãos dadas ninguém vai nos segurar (bis)

(Refrão)

VENCEDORAS DO FESTIVAL

Letras de Músicas - Categoria Poesia

Negros do sul

(Dico e Gabi Guedes)

Intérprete: Dico

Está situada na costa africana
A república Guiné Equatorial
No lado ocidental do negro continente
(bis)
Que o Ilê traz como tema para o carnaval
Nos conta a lenda que os pigmeus
Os primeiros habitantes dessa região
Foram expulsos pelo povo ndowe
Quando começou a colonização
Juntaram-se a tribos de outras etnias
Povoando as sete ilhas ao leste do Gabão
Pelo rio Ntem De rio Muni tem fronteiras para Camarões
Fang, bissio, mulengues, África Ocidental
Corisco Annobon, cocoterros, Malabo sua capital
(bis)
Descoberta por navegadores
Passou a ser colônia para Portugal
Que exportou para nações europeias
A mão-de-obra escrava, o café e o cacau
A luta pela independência
Reescreveu a constituição
Da herança pré-colonial
Até chegar à nova geração
Teodoro Mbasogo
Derrubou seu tio, Macías do poder
Deu esperanças ao povo da Guiné
Trazendo o despertar de um novo amanhecer
(Refrão)

Letras de Músicas - Destaques

Negro senzala

(Tica Mahatma)

Somos afro-descendentes
Somos negros quilombolas
Vamos retratar a nossa história
Não vamos fugir à luta
É tão grande a labuta
Zumbi, nosso grande general
Nada pode ocultar o nosso grito
Não desisto, sei que o amor vai nos fortalecer
Nessa raça tão forte eu acredito
Ilê Aiyê, casa de negro me acolheu
Sou negro senzala sim, de corpo e alma sim
Sou ilê Aiyê

(Refrão)

Sou negro senzala sim, de corpo e alma, sim
Me orgulho em dizer
Manifestação em forma de poesia
Ilê magia todo povo a te agradecer
Esse canto aguça a memória
Linda trajetória de luta para poder vencer
Venho expressando todo o sentimento
No firmamento, um ser a nós protege
(Refrão)

Letras de Músicas - Destaques

Negra beldade

(Chocolate e Tay Alves)

Negra, negra
Teu sorriso me encanta
O jeito da dança faz
Meus olhos lacrimejar, eu
Feliz da vida ao ver
Essa beldade negra mulher
Pode acreditar é amor à primeira vista
No passo desse compasso
Vou jogar meu laço pra te conquistar
Pois com a luz que me ilumina
Vou cantarolando por toda essa vida
Deixe eu pegar na tua mão
Dar todo o meu carinho
Te chamar de benzinho ou flor
Vem que eu te dou meu amor
De todas as rosas você é a mais linda
Negra linda, linda negra
Sua beleza me faz tão bem
Ao te ver no Ilê, Curuzu - Liberdade
Canto pra você

Letras de Músicas - Destaques

Canto de fé eficaz

(Anderson Anunciação)

Intérprete: Marco Boa Morte

África ocidental, exuberante região
Culto afro baiano, africana tradução
Viaja na história que nos faz resplandecer
Guiné Equatorial verso e prosa no Ilê Aiyê
Modupé oh Guiné, Guiné, Guiné
Ilê Modupé oh Guiné, Guiné, Ilê Aiyê
Modupé Guiné, Guiné Ilê
Modupé oh Guiné, Guiné, Ilê Aiyê
Tradições e costumes, ancestrais contribuição
Os fang predominam etnicamente a população
Dimensão fluvial, clima equatorial
Na ilha de Bioko, Malabo é a capital
Dialeto africanos, espanhol língua oficial
(Refrão)
E nesse canto que o pássaro preto entoou
Da herança pré-colonial à geração atual germinou
Que faz transparecer Guiné, Curuzu, candomblé Ilê Aiyê
A voz do negro vai prevalecer
Canto de fé eficaz, agô Ilê (bis)
(Refrão)

Letras de Músicas - Destaques

bibliografia

- Romão, Jeruse Maria. *Africanidades Catarinenses*. Coleção A África está em nós. Editora Grafset, 2011.
- Leite, Ilka Boaventura. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. pp. 13-32.
- Gutfreind, Ieda. *O negro no Rio Grande do Sul: o vazio historiográfico*. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, XVI (1,2), jul. e dez., 1990, pp. 178-187.
- Piccolo, Helga. *Escravidão, imigração e abolição. Considerações o Rio Grande do Sul do século XIX*. In: Anais da VIII Reunião da SBPH. São Paulo: SBPH, 1989. pp. 53-62.
- Júnior, Jackson Gomes. Silva, Geraldo Luiz da. Afonso, Paulo. Costa, Bracarense. (orgs.); *Paraná Negro*. Fotografia e pesquisa histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura. Curitiba: FPR/PROEC, 2008.
- Leite, Ilka Boaventura (org.) *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Santa Catarina: letras Contemporâneas, 1996
- Martins, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessia dos Editores, 1995.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos •
Vice-Reitor: Fábio Josué Souza Dos Santos •
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Danillo
Silva Barata • **Coordenação de Cultura e**
Universidade: Fabiana Comerlato • **Coordenação**
de Extensão Universitária: Maria Da Conceição
De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora**
Executiva: Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana
Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento**
de Imagem: Roberto Abreu • **Digitalização dos**
Textos: Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã
Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão,
Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção**
Executiva: Robson Oliveira • **Restauração:**
Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações
publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 20 – Negros do Sul

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda) *in memoriam*

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Vivaldo
Benvindo dos Santos • Arany Santana Neves
Santos • Dário da Páscoa • Edmilson Lopes
das Neves • Edson Tobias de Matos • Elizete
Matos dos Santos • Hildete Valdevina dos
Santos Lima • Jônatas Conceição da Silva (*in
memoriam*) • José Carlos dos Santos • Maria de
Lourdes Siqueira • Oduvaldo de Jesus Santos
(*in memoriam*) • Osvalrízio do Espírito Santo
• Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Paulo
Raimundo F. Bonfim (*in memoriam*) • Roberto
dos Santos Rodrigues • Wilson Batista Santos

Pesquisa: Maria de Lourdes

Siqueira **Colaboração:** Sandro Teles **Capa**

e Ilustração: Mundão **Editoração e**

Diagramação: Via Direta Comunicação

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade
CEP 40365 000, Salvador • Bahia
Teleone 71 2103 3400
Telefax 71 2103 3400
Site www.ileaiyeoficial.com
E-mail ileaiye@ileaiye.org.br



PROexc

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO